

**Manifestações no Brasil em 15 de maio:
uma análise do discurso do jornal Zero Hora**

*Manifestaciones en Brasil el 15 de mayo:
un análisis del discurso del periódico Zero Hora*

Wagner Guilherme LENHARDT¹

Resumo

Este artigo analisa as estratégias discursivas propostas pelo jornal Zero Hora na cobertura das manifestações do dia 15 de maio de 2019, quando a população brasileira foi às ruas protestar contra os cortes orçamentários aplicados pelo governo federal às Universidades e Institutos Federais. Analisamos uma matéria, publicada na edição do dia 16 de maio. Os conceitos norteadores desta análise são: o discurso como acontecimento (PÊCHEUX, 1990), as estratégias (BOURDIEU, 2004) e também a perspectiva dos locutores e enunciadores de Oswald Ducrot, sistematizada por Flores (2011). Ancoramos nosso trajeto na análise do discurso. Ao final, podemos observar que o jornal Zero Hora conduz uma polifonia entre os sujeitos emergidos do texto, (re)construindo o acontecimento analisado. Ao mesmo tempo, opera seu discurso com base no silenciamento das Universidades e Institutos Federais, instituições que eram algumas das principais interessadas nos atos do dia 15 de maio.

Palavras-chave: Análise do discurso. Jornal Zero Hora. Manifestações em 15 de maio.

Resumen

Este artículo analiza las estrategias discursivas propuestas por el periódico Zero Hora en la cobertura de las manifestaciones del 15 de mayo de 2019, cuando la población brasileña salió a la calle para protestar contra los recortes presupuestarios aplicados por el gobierno federal a las Universidades e Institutos Federales. Analizamos una materia periodística, publicada en la edición del 16 de mayo. Los conceptos rectores de este análisis son: el discurso como acontecimiento (PÊCHEUX, 1990), estrategias (BOURDIEU, 2004) y también la perspectiva de los hablantes y enunciadores de Oswald Ducrot, sistematizado por Flores (2011). Anclamos nuestro camino en el análisis del discurso. Al final, podemos observar que el periódico Zero Hora realiza una polifonía entre los temas emergentes del texto, (re)construyendo el acontecimiento analizado. Al mismo tiempo, opera su discurso basado en el silenciamiento de las Universidades e Institutos Federales, instituciones que fueron algunos de los principales interesados en los actos del 15 de mayo.

Palabras clave: Análisis del discurso. Periódico Zero Hora. Manifestaciones el 15 de mayo.

¹ Mestrando em Comunicação pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).
E-mail: wagnerlenhardt@gmail.com.

Introdução

A investigação que fazemos aqui está inserida no contexto da nossa pesquisa que analisa a (des)legitimação das Universidades Federais a partir dos enquadramentos acionados pelo jornal impresso Zero Hora durante o ano de 2019. Com a delimitação deste período, pretendemos fazer uma aproximação desses enquadramentos com o novo cenário político-social brasileiro, marcado pela chegada de Jair Bolsonaro à presidência.

Durante o monitoramento para a nossa pesquisa, as Instituições Federais de Ensino Superior (IFES) foram surpreendidas, no dia 30 de abril, com o anúncio de um bloqueio orçamentário da ordem de 30% dos seus recursos – anúncio este feito pelo ministro da educação, Abraham Weintraub². Os cortes, depois, acarretaram uma manifestação nacional feita no dia 15 de maio, que reuniu, nas ruas de boa parte do país, diversos atores ligados principalmente à área da educação, como estudantes, professores, universidades, escolas, sindicatos da categoria, etc. Enquanto isto, neste mesmo dia, o ministro foi à Câmara dos Deputados prestar esclarecimentos sobre o contingenciamento – especialmente em relação aos critérios que levaram o governo a fazer os cortes.

No dia seguinte, os jornais deram destaque às manifestações e também à presença do ministro na Câmara. No Rio Grande do Sul não foi diferente: o jornal Zero Hora estampou os acontecimentos na capa, em manchete, e dedicou duas páginas internas para a matéria de cobertura. O texto deu visibilidade a diferentes vozes imbricadas nos acontecimentos ali midiaticizados, conferindo efeitos de sentido também diversos. Quais são os locutores e enunciadores presentes na matéria de Zero Hora e quais efeitos de sentido eles promoveram são as perguntas que este artigo busca responder, tendo como base a análise do discurso.

Discurso, acontecimentos e estratégias

Pêcheux (1990) afirma que o discurso se configura tanto como estrutura como acontecimento. O autor critica o que chama de homogeneidade lógica das ciências

2 “MEC diz que bloqueio de 30% na verba vale para todas as universidades e institutos federais”. Disponível em <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2019/04/30/mec-diz-que-bloqueio-de-30percent-na-verba-vale-para-todas-as-universidades-e-institutos-federais.ghtml>. Acesso 16 dezembro 2019.

positivistas, dizendo que o conhecimento não pode estar inscrito em formulações do tipo X ou Y, sim ou não, etc. Esses modelos não dão conta da pluralidade de variáveis que perpassam a experiência social. Na análise do discurso, toda delimitação é frágil se não considerarmos as diferentes camadas que compõem os acontecimentos e as relações sociais.

Da mesma forma, ao considerarmos o discurso midiático, também há neste uma estrutura que se mostra múltipla, carregada de sujeitos e sentidos. O discurso midiático é feito por uma heterogeneidade de aspectos, que vão desde a organização institucional da empresa de comunicação até as lógicas profissionais inerentes ao fazer jornalístico, que inclui conceitos, processos e paradigmas como a objetividade, imparcialidade, pluralidade, apuração, checagem, furo, edição, entre outros.

Do ponto de vista do acontecimento, o discurso também se dá de forma não estrutural se levarmos em conta que ele é permeado por pontos de rupturas e de inícios, de memórias e de silêncios, ou, melhor, de uma “multiplicidade heteróclita das coisas-a-saber” (PÊCHEUX, 1990, p. 35). O discurso enquanto acontecimento possui uma historicidade não linear, desencadeada no fluxo descontínuo que é a experiência humana.

Dentro do contexto midiático, esta multiplicidade é válida para pensarmos as manifestações do dia 15 de maio considerando episódios recentes da história brasileira, em que temos uma série de manifestações desencadeadas, especialmente, a partir dos movimentos de junho de 2013, quando a população foi às ruas para protestar contra o aumento das tarifas de transporte, ou, ainda, em março de 2015, contra o governo de Dilma Rousseff (entre outras justificativas).

Se o discurso midiático prossegue, por um lado, um notável efeito de esquecimento e de arquivação, por outro, alimenta-se do incessante mecanismo de rememoração das formas que vai arquivando. Esta forma ritualizada da alternância dos mecanismos de esquecimento e de rememoração é um dos processos mais importantes de produção dos efeitos de habituação e de naturalização. (RODRIGUES, 2002, P. 235)

Discurso e acontecimento se entrelaçam, assim, tendo por princípio a ideia de que não há independência dos elementos que constituem “o universo físico-humano (coisas, seres vivos, pessoas, acontecimentos, processos...)” (PÊCHEUX, 1990, p. 29). O entrecruzamento de proposições aparentemente lógicas e formulações

irremediavelmente equívocas caracteriza o acontecimento discursivo na perspectiva do teórico francês. Conforme Benetti (2010, p. 150), “provavelmente a maior contribuição conceitual de Pêcheux seja exatamente esta, a de reivindicar a compreensão do discurso para o interior de relações subjetivas imaginadas”.

No interior dessas relações, temos a mídia. A veiculação do anúncio dos cortes nas Instituições Federais de Ensino Superior preparou o terreno para a articulação dos movimentos do dia 15 de maio. O jornal Zero Hora, objeto de nossa análise, dedicou amplo espaço para a visibilidade do anúncio e também para as reações das instituições afetadas. O papel do discurso midiático pode ser compreendido assim se considerarmos a acepção de Verón (2004, p. 57), segundo o qual, “em nossas sociedades, não há discursos que sejam produzidos fora de condições econômicas, sociais, políticas e institucionais determinadas”.

Por isso, a imprensa é agente tanto no discurso quanto no acontecimento, produzindo e se alimentando de efeitos de sentido em circularidade. “É precisamente esta aptidão para contaminar as outras modalidades de discurso e para se deixar por elas contaminar que confere ao discurso midiático as características que o habilitam a exercer suas funções de mediação” (RODRIGUES, 2002, p. 229).

Se queremos falar de efeitos de sentidos ao abordar o acontecimento, precisamos considerar também que todo discurso é permeado por relações ideológicas e de poder. Acreditamos que uma separação analítica entre *discurso versus linguagem versus efeito versus poder*, se não impossível, se torna demasiado problemática na análise da comunicação midiática.

A análise discursiva abrange uma infinidade de textos. Ou seja: temos, para além do léxico e/ou do sintático, a possibilidade de emergir diferentes pontos focais, conforme a variedade de aspectos que queiramos *fazer aparecer*. Verón (2004, p. 52), em seu empreendimento para articular os elementos discursivos com a questão da ideologia e do poder, nos diz que a análise nunca se esgota. Um ponto de interesse para o autor, por exemplo, é a questão extradiscursiva, que engloba as dimensões econômicas, políticas e sociais das condições de produção e reconhecimento de determinado discurso, o que podemos chamar de sistema produtivo. De certa forma, esta concepção se articula com a heterogeneidade abordada por Pêcheux, que já mencionamos aqui.

Baseada em Pêcheux, a pesquisadora Eni Orlandi (2009) empenhou-se em apontar caminhos para a análise do discurso de perspectiva francesa. Para Orlandi, é preciso considerar a capacidade do analista de verificar os dizeres que organizam o poder, a história e seus acontecimentos.

A Análise do Discurso visa fazer compreender como os objetos simbólicos produzem sentidos, analisando assim os próprios gestos de interpretação que ela considera como atos no domínio simbólico, pois eles intervêm no real do sentido. [...] Em suma, a Análise de Discurso visa a compreensão de como um objeto simbólico produz sentidos, como ele está investido de significância para e por sujeitos. Essa compreensão, por sua vez, implica em explicitar como o texto organiza os gestos de interpretação que relacionam sujeito e sentido. Produzem-se assim novas práticas de leitura. (ORLANDI, 2009, p. 26)

A intervenção do discurso na interpretação dos sentidos é feita através de estratégias que reestruturam, reavaliam e reconstroem os acontecimentos a todo tempo. Trata-se de um jogo feito por sujeitos (agentes) que articulam e definem o modo como o homem deve participar das atividades sociais. Bourdieu (2004, p. 81), em sua crítica ao estruturalismo objetivista, nos diz que “o bom jogador, que é de algum modo o jogo feito homem, faz a todo instante o que deve ser feito, o que o jogo demanda e exige”. As estratégias dizem respeito, segundo o autor, a “colocar-se ao lado do direito, em agir de acordo com interesses, mas mantendo as aparências de obediência às regras” (BOURDIEU, 2004, p. 81).

Eliseo Verón é outro pesquisador que se debruçou sobre a questão das estratégias, referindo-se “aos fenômenos de concorrência interdiscursiva próprias do campo da discursividade enquanto mercado de produção de discurso” (VERÓN, 2004, p. 245). Trata-se de uma lógica que contextualiza a mídia enquanto empresa: a instituição comercial que utiliza estratégias para demarcar o seu modo de veiculação dos acontecimentos, tentando, assim, se diferenciar das empresas jornalísticas concorrentes, em disputa pelo público leitor.

Nessas disputas, as estratégias discursivas compreendem também a questão dos esquecimentos, dos silenciamentos ou do não-dito. A análise do discurso é utilizada também para evidenciarmos aquilo que não está em evidência. Orlandi (2009, p. 35) diz que o esquecimento produz para o receptor a impressão de que aquilo que está dito no texto é a realidade do todo. Isto também tem a ver com o ideológico: o esquecimento

reflete e retoma sentidos preexistentes, institucionalizados por aqueles que detêm o poder de dizer – como, por exemplo, a imprensa.

Outra acepção é do dito e do não-dito, que, segundo Orlandi (2009, p. 82), é articulada com maestria por Ducrot.

Consideramos que há sempre no dizer um não-dizer necessário. Quando se diz “x”, o não-dito “y” permanece como uma relação de sentido que informa o dizer de “x”. Isto é, uma formação discursiva pressupõe outra: “terra” significa pela sua diferença com “Terra”, “com coragem” significa pela sua relação com “sem medo” etc. (ORLANDI, 2009, p. 82)

Seguindo nessa linha, há também o silêncio, “lugar de recuo necessário para que se possa significar, para que o sentido faça sentido” (ORLANDI, 2009, p. 83). Nessa perspectiva, a significância está no vazio, nas lacunas, naqueles que não disseram, que não foram ouvidos e que não estão marcados na superfície do texto.

Para identificar as estratégias presentes nos textos, uma das possibilidades de análise é olharmos para os discursos a partir da perspectiva dos locutores e enunciadores.

Enunciadores e locutores

Conforme a leitura em Pêcheux, sabemos que a análise dos elementos discursivos na mídia não pode ser reduzida a marcadores léxicos ou semânticos, bastante reverenciados pelo estruturalismo linguístico. Ao mesmo tempo, devido ao espaço de que dispomos aqui, acreditamos que esta análise pode ser um indício, um começo para uma pesquisa mais ampla e detalhada dos acontecimentos verificados.

Assim, faremos nossa sistematização analítica a partir das figuras do enunciador e do locutor, com base na proposta metodológica adotada por Flores (2011), utilizando conceitos da teoria polifônica do discurso elaborada por Oswald Ducrot. Este teórico lança luz à unicidade do sujeito falante para verificar os diferentes papéis que podem ser assumidos no discurso (FLORES, 2011, p. 71).

Antes de adentrarmos na questão dos enunciadores e locutores, convém situarmos a noção de polifonia em Ducrot, que, conforme Adriano Duarte Rodrigues, trata-se de um “fenômeno associado a um dos aspectos da prática discursiva [...]”. Um locutor

singular enuncia um discurso que, embora seja seu, é também de outros enunciadores” (RODRIGUES, 2002, p. 240).

Tal entendimento, quando aplicado na análise do discurso midiático, pode ser mais claramente identificado quando temos, na prática jornalística, a questão da pluralidade de fontes a serem ouvidas para dar conta das várias versões de um acontecimento:

O repórter deve ser imparcial na apuração e fiel na reprodução, ouvindo todas as versões, mesmo as que são aparentemente conflitantes ou enganosas. Em todo fato ou sobre qualquer acontecimento existem pelo menos duas versões. Ou dezenas delas, conforme as pessoas envolvidas ou interessadas. (COTTA, 2005, p. 97)

Não sendo nosso objetivo dissertar aqui sobre as convenções, premissas e utopias do jornalismo, mas sim identificar as vozes no objeto analisado, passamos à ideia de locutor e enunciadador.

[Ducrot] opera, primeiramente, a distinção entre locutor e sujeito falante empírico. Enquanto o primeiro se refere a um ser do enunciado [...], o sujeito empírico é uma pessoa exterior ao enunciado e que, por isso, não interessa às análises da semântica textual. [...] enquanto o locutor refere-se à fonte de um discurso, sujeito a quem o enunciado é atribuído, o enunciadador relaciona-se a pontos de vista expressos na enunciação. (FLORES, 2011, p. 71-72)

Enquanto os locutores podem ser considerados como os sujeitos expressos por meio de marcas textuais, os enunciadores “são sujeitos abstratos cuja presença no texto só ocorre por meio de locutores. A localização dos locutores, nesse sentido, permitiu a identificação e descrição dos enunciadores presentes no corpus” (FLORES, 2011, p. 86).

Análise de Zero Hora

O jornal diário e impresso Zero Hora é uma publicação do Grupo RBS. Foi criado em 1964 e é editado em Porto Alegre, com circulação em todo o Estado do Rio Grande do Sul através de venda em bancas, internet e assinaturas. A matéria que analisaremos foi publicada no dia 16 de maio de 2019, um dia após as manifestações contra o corte orçamentário feito pelo governo federal. Intitulada “Explicações na Câmara,

manifestações nas ruas”, a matéria também aborda a ida do ministro da educação na Câmara dos Deputados.

A matéria, de duas páginas, foi publicada na editoria *Sua Vida*, que concentra, entre outros assuntos, temas relativos à educação e ao ensino. Ela é ilustrada com seis fotos: cinco das manifestações, que registram os atos nas cidades de Porto Alegre (foto maior), São Paulo, Brasília, Rio de Janeiro e Belém; e uma foto pequena do ministro da Educação na Câmara dos Deputados.

Parte do título da matéria possui uma marcação gráfica acentuada: “explicações na Câmara” está na cor verde, em negrito. “Manifestações na rua” recebeu uma marcação com fontes mais simples e mais finas.

A parte destacada do título ocupa a primeira página da matéria. Esta página aborda apenas a ida do ministro da Educação à Câmara dos Deputados e é marcada, na parte inferior, por uma grossa linha verde.

A outra página, que aborda as manifestações, não recebeu cor no título e nem na linha que marca o final da página (parte inferior, em cor cinza). Logo, há um efeito de *polarização* de cores nas matérias, conforme os acontecimentos destacados em cada uma das páginas. O olhar do leitor comete um desvio para as páginas em que há a predominância do verde.

Além do verde, destacam-se nas páginas as aspas dos *olhos*, em amarelo. Verde e amarelo, principais cores da bandeira brasileira e marcas identitárias do nacionalismo político, são, assim, as cores predominantes. Principalmente no espaço dedicado à ida do ministro à Câmara.

Com base na sistematização de Flores (2011), identificamos na matéria as marcas textuais que apresentam os locutores (L) e os enunciadores (E) (quadro 1). Depois, os compilamos em uma tabela descrevendo os enunciadores a partir da perspectiva de Oswald Ducrot (tabela 1).

Figura 1. Matéria analisada.



Fonte: Jornal Zero Hora, 16 mai. 2019, p. 24-25.

Quadro 1. Locutores e enunciadores verificados na matéria.

<p>Jornal/veículo (L1)</p> <p>“A reação ao anúncio de cortes na educação se tornou ontem a primeira grande manifestação pública contra o governo de Jair Bolsonaro.” (E1)</p> <p>“Ele [o ministro] atribuiu o orçamento atual aos governos anteriores.” (E2)</p> <p>“O clima piorou depois que Weintraub indicou que haveria cortes em instituições específicas por razões que ele chamou de balbúrdia. Na Câmara, o ministro manteve o discurso crítico às universidades [...]” (E1)</p> <p>“A convocação de Weintraub no plenário da Câmara [...] representou um constrangimento para o governo.” (E1)</p> <p>“[...] corte de verbas promovido pelo governo Bolsonaro.” (E1)</p> <p>“Durante a passeata, parte dos motoristas reclamavam dos bloqueios no trânsito.” (E3)</p> <p>“Alguns moradores da região e trabalhadores gritavam em apoio aos manifestantes, acenando do alto de prédios.” (E4)</p> <p>“Além da redução de verba na educação, o protesto também visou a reforma da Previdência. Uma das paradas ocorreu ao lado do prédio da Previdência Social [...]. No local, manifestantes em um carro de som criticavam a proposta da União, defendendo que ela ataca direitos dos trabalhadores.” (E4 e E5)</p> <p>“Ao contrário do período da manhã, quando a Brigada Militar usou bombas de efeito moral para dispersar estudantes durante mobilização na UFRGS, não foram registrados embates ou confusão durante a tarde.” (E3)</p> <p>“A Secretaria Estadual da Educação [...] informou que, das 248 escolas estaduais de Porto Alegre, 44 ficaram paradas, 43 funcionaram parcialmente e 63 mantiveram as atividades normalmente.” (E3)</p>
<p>Ministro da Educação (L2)</p> <p>“Não somos responsáveis pelo contingenciamento atual, o orçamento atual foi feito pelo governo eleito de Dilma Rousseff e (Michel) Temer, que era vice. Não somos responsáveis pelo desastre da educação, não votamos neles.” (E2)</p> <p>“Venham ao MEC, mostrem os números. Se a gente não chegar a um acordo, a gente abre as planilhas, vê as contas. A gente vem ao Congresso.” (E8)</p>

Bolsonaro (L3)

“É natural (que haja protesto), agora, a maioria ali é militante, não tem nada na cabeça, se perguntar 7x8 para ele, não sabe. Se você perguntar a fórmula da água, não sabe, não sabe nada. São uns idiotas úteis, uns imbecis, que estão sendo usados como massa de manobra de uma minoria espertalhona que compõe o núcleo de muitas universidades federais no Brasil.” (E6)

Hamilton Mourão (L4)

“temos falhado na nossa comunicação sobre os cortes” (E7)

Manifestantes (L5)

“Ô presidente, presta a atenção. Balbúrdia é cortar da Educação’. Um manifestante carregava um boneco inspirado no titular do MEC. Um cartaz com a frase ‘Ministro da falta de Educação’ estava colado na peça.” (E1)

Araton Cardoso, professor (L6)

“Considerando que mais de 90% da pesquisa no Brasil é produzida em universidades públicas, é de se pensar qual o objetivo desse movimento de enfraquecer a produção de conhecimento. Se não for por meio desses atos, dificilmente vamos conseguir transformar essa situação, pois o governo não abre espaço para o diálogo.” (E1)

Elaine Milmann, psicopedagoga (L7)

“Enfraquecer a universidade é enfraquecer a população e a formação de um povo.”

Pedro Ruas, ex-deputado estadual (L8)

“Nós não vamos deixar (esse governo) acabar com a educação. Vamos mostrar quem somos. Não vamos deixar assaltarem o Brasil.” (E1 e E4)

Onyx Lorenzoni, ministro da Casa Civil (L9)

O governo que recebemos, que herdamos do PT, do MDB e de outros partidos, é um Estado que não serve à sociedade. Não é possível em cinco meses apenas um governo poder mudar tudo isso. Temos 30 anos do cachimbo usado do lado errado, é difícil fazer as correções. (E2)

Eduardo Leite, governador do Rio Grande do Sul (L10)

“Não parece razoável um corte de 30%. Trinta por cento linearmente, sem critérios, sem dúvida nenhuma gera um problema. Estamos trabalhando no sentido de sensibilizar o ministério e tenho segurança de que isso acontecerá para que esse investimento não seja cortado.” (E8)

Anísio Teixeira³, reitor da Universidade Federal de Pernambuco (L11)

“Só temos condição de funcionar, de maneira precária, até setembro. Já tivemos 32 bolsas de pós-graduação cortadas. Não tem disputa entre educação básica e superior, temos de defender um projeto que possibilite que os estudantes possam se formar e desenvolver o país.”(E1)

Fonte: elaboração nossa.

3 O nome correto do reitor é Anísio Brasileiro de Freitas Dourado, conforme o site da instituição (<https://www.ufpe.br/institucional/gabinete-do-reitor>). Procuramos possíveis erratas nas duas edições posteriores de Zero Hora, mas não localizamos.

Tabela 1: Enunciadores e respectivos locutores.

Enunciadores	Locutores
E1 – O governo Bolsonaro é um opositor da educação pública, das universidades federais, da ciência e do conhecimento, e os cortes feitos por ele foram um erro	L1, L5, L6, L7, L8, L11
E2 – Os governos anteriores a Bolsonaro são os reais responsáveis pelos cortes orçamentários	L1, L2, L9
E3 – As manifestações causaram problemas na ordem pública, como, por exemplo, no trânsito e na paralisação das escolas, e também houve conflitos com a Brigada Militar	L1
E4 – Outras pessoas, não diretamente prejudicadas pelos cortes, também apoiaram as manifestações	L1, L8
E5 – Alguns manifestantes também protestaram, no ato, contra a reforma da previdência	L1
E6 – Os manifestantes não passam de “massa de manobra” contrária ao governo, são “militantes inúteis”	L1, L3
E7 – O governo Bolsonaro se comunica de forma confusa	L1, L4
E8 – O diálogo é um caminho para solucionar o problema dos cortes	L1, L2, L10

Fonte: elaboração nossa.

O primeiro locutor (L1) refere-se ao jornal, que detém a autoria da matéria, bem como o repórter que a escreveu. No texto não está explícita a assinatura do repórter, ao contrário do que ocorre na maioria das reportagens do jornal Zero Hora. Trata-se de um autor que é ao mesmo tempo ausente e presente: a decisão em optar por não publicar o nome de quem escreveu a matéria é uma ação da ordem do fazer jornalístico, muito comum quando o texto é editado a partir de informações de agências de notícias, assessorias de imprensa ou grupos de repórteres do próprio veículo⁴.

Esta ação faz o veículo referendar para si as estratégias discursivas dos acontecimentos agendados no texto, ao mesmo tempo em que marca as condições de produção do veículo: em um primeiro momento, é possível identificar que Zero Hora não se preocupou em enviar equipes de jornalistas para cobrir os acontecimentos, conferindo à veiculação dos atos um mero registro formal, como se as manifestações

4 Nos últimos anos as equipes do jornal Zero Hora, da rádio Gaúcha e de todo o seu conteúdo online foram integradas: os repórteres colaboram para diferentes mídias do Grupo RBS. Este dado é interessante de ser destacado por, talvez, dizer muito sobre como a matéria que aqui analisamos foi feita: há uma grande probabilidade de as informações terem sido coletadas por diferentes profissionais, cabendo ao editor do jornal apenas a junção de todas estas informações.

nas ruas fossem da ordem do comum, fatos que ocorrem todos os dias e que, em todos esses dias, o jornal estandardiza em suas páginas tais movimentos. Ao mesmo tempo, porém, a matéria foi a manchete do dia (figura 2).

Figura 2. Capa de Zero Hora.



Fonte: Jornal Zero Hora, 16 mai. 2019, p. 1.

O jornal primeiro chama atenção para os acontecimentos na capa, e gera uma expectativa por parte do leitor que, crendo se tratar se uma grande cobertura jornalística, vai até as páginas internas e se depara com um registro feito, talvez, por agências de notícias ou por informações extraídas da internet.

Acreditamos que o jornal, ou o repórter que escreveu a matéria, está presente em todos os enunciadores verificados. Trata-se de um locutor onipresente, pois, dando voz aos demais locutores, atua nas estratégias de escolha de sentidos a serem evidenciados.

Este locutor é o único responsável pelos enunciadores E3 e E5 (“As manifestações causaram problemas na ordem pública, como, por exemplo, no trânsito e na paralisação das escolas, e também houve conflitos com a Brigada Militar” e “Alguns manifestantes também protestaram, no ato, contra a reforma da previdência”). Esses dois enunciadores agem como desqualificadores da manifestação: segundo o jornal, o ato do dia 15 de maio perturbou a ordem pública e também foi usado para demandas que não tinham a ver com a principal causa do protesto, que era os cortes orçamentários na educação

pública. Nota-se, em toda a nossa análise, que a presença de apenas um locutor em determinado enunciador só pode ser notada neste caso. Mais uma vez, temos aqui o jornal Zero Hora chamando para si um efeito de sentido, a partir de determinada estratégia discursiva. Trata-se de uma estratégia que se justifica, no campo do jornalismo, em dar voz a diferentes sujeitos e pontos de vista dos acontecimentos visibilizados. O que verificamos, a partir da nossa análise, é que esta perspectiva desqualificadora da manifestação, pelo menos na esfera dos dois enunciadores em questão, é feita basicamente pela voz do veículo, o jornal Zero Hora.

Outro enunciador presente no discurso apresenta os manifestantes como “massa de manobra” e “militantes inúteis” (E6). Temos o presidente Jair Bolsonaro (L3) chamando para si esta fala. Ao mesmo tempo, em nossa perspectiva, também encontramos o locutor Zero Hora (L1), na medida em que evidencia o ponto de vista do presidente. Aliás, tal enunciador é destacado por L1 ao lado da foto principal da reportagem, com o chamado *olho* - recurso gráfico e textual presente no jornalismo impresso. Mais uma vez, o veículo não se furtou em chamar para si este enunciador *desqualificante* dos atos.

O ministro da Educação (L2) e o ministro da Casa Civil (L9) são dois locutores que atrelaram os cortes orçamentários aos governos anteriores (E2). Este enunciador, no entanto, não opera apenas com membros do atual governo bolsonarista: o locutor jornal/repórter (L1) também está presente neste discurso.

Destacamos também que os locutores L1, L2 e L10 (o jornal/repórter, o ministro da Educação e o governador do Rio Grande do Sul) (L10) levantaram a hipótese de os cortes orçamentários serem revistos através do diálogo, gerando um efeito que condiciona as políticas econômicas e educacionais brasileiras ao que se habituou chamar de “toma-lá-dá-cá”.

Entre todos os enunciadores, aquele que foi mais operado trata-se do E1, que coloca o governo de Jair Bolsonaro como opositor da educação pública, das universidades, da ciência e do conhecimento. Apesar de o locutor jornal/repórter (Zero Hora) ter operado na maior parte dos enunciadores que geraram um efeito deslegitimador das manifestações – em alguns de forma quase que exclusiva, diga-se – o veículo também opera, em menor grau, nos enunciadores mais simpáticos ao protesto ou, ainda, mais opositores ao governo Bolsonaro.

Chama atenção, também, que o jornal não deu voz a nenhuma instituição federal de ensino superior do Rio Grande do Sul: limitou-se a, estranhamente, reproduzir o trecho de uma fala do reitor da Universidade Federal de Pernambuco. O pequeno depoimento, aliás, não consta no texto da matéria, apenas foi inserido como *olho* da página. Há um silenciamento das IFES gaúchas, como se estas não estivessem presentes nas manifestações. O efeito que se apreende é de que nenhuma universidade ou instituto federal presente no estado se interessou pela agenda de reivindicações. Destacamos que Zero Hora chama para si o fato de ser “o maior jornal do Rio Grande do Sul” e “líder de circulação no Estado”⁵.

Olhando para o nosso objeto de análise, é possível verificar que as estratégias discursivas de Zero Hora buscam se solidificar e se justificar em paradigmas tradicionais do jornalismo – como a pluralidade de pontos de vista – para gerar um efeito capaz de legitimá-lo como uma mídia de referência. A análise do discurso, porém, nos apresenta, na matéria observada, uma polifonia de locutores e enunciadores, dentro da perspectiva feita por Oswald Ducrot. Esses locutores e enunciadores tentam assombrar a assinatura do jornal na desqualificação dos atos de 15 de maio. Além disso, há uma separação visual dos locutores, conforme cores e disposição do texto nas duas páginas da matéria. Coincidência ou não, há que se salientar o curioso fato de as cores predominantes na página serem marcas do nacionalismo brasileiro atual. O projeto gráfico para a editoria que leva o nome de *Sua Vida* dialoga com a identidade visual muito presente na campanha do atual presidente, Jair Bolsonaro.

Considerações finais

Este artigo teve como objetivo analisar as estratégias discursivas do jornal Zero Hora na abordagem das manifestações de 15 de maio de 2019, ocorridas no Brasil em protesto aos cortes orçamentários feitos pelo governo federal na educação pública. Verificamos que a análise do discurso de corrente francesa se apresenta como uma possibilidade analítica para identificar os efeitos de sentido gerados pelo jornal.

5 Informações extraídas do site comercial do Grupo RBS, disponível em: <http://comercial.gruporbs.com.br/nossas-marcas/zero-hora/>. Acesso 16 dezembro 2019.

Considerando a metodologia sugerida por Flores (2011), acreditamos que olhar para os locutores e enunciadores pode ser um caminho para analisar como nosso objeto articula suas estratégias discursivas ao agendar os acontecimentos.

Da opção por não exibir a assinatura do repórter até os jogos de vozes, silêncios e sentidos feitos pelo veículo, observamos a tentativa do jornal de promover um embate de locutores e enunciadores, em nome de uma certa pluralidade, que colocaria Zero Hora como uma mídia de referência.

A partir da análise do discurso, o que verificamos foi uma polifonia orquestrada, que coloca o periódico observado como condutor dos sujeitos que emergem do texto, (re)construindo, assim, o acontecimento. Nesta orquestra, as IFES, principais instituições interessadas nos movimentos de 15 de maio, foram silenciadas por Zero Hora. As informações dispostas no texto seguiram uma hierarquia: partindo da ideia de que os principais locutores são os primeiros a serem abordados, temos os membros do governo federal em primeiro lugar. Os manifestantes ouvidos vieram depois.

Desestruturando e reestruturando o trajeto discursivo com base na perspectiva de Pêcheux (1990), temos, enfim, identificados o apagamento e a saliência de vozes no contexto analisado.

Referências

BENETTI, Marcia. O jornalismo como acontecimento. In: BENETTI, Marcia e FONSECA, Virginia Pradelina da Silveira (Org.). **Jornalismo e acontecimento: mapeamentos críticos**. Florianópolis: Insular, 2010. P.143-164.

BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004. P.77-95.

COTTA, Pery. **Jornalismo: teoria e práticas**. Rio de Janeiro: Livraria e Editora Rubio, 2005.

FLORES, Natália Martins. **Identidades midiáticas: a construção da identidade de ciência na revista Galileu**. 2011. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2011.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2009.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Campinas: Pontes, 1990.

RODRIGUES, Adriano Duarte. Delimitação, natureza e funções do discurso midiático. In: PORTO, Sérgio Dayrell e MOUILLAUD, Maurice (org.). **O jornal**: da forma ao sentido. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2002. P.217-233.

VERÓN, Eliseo. **Fragments de um tecido**. São Leopoldo, RS: UNISINOS, 2004.